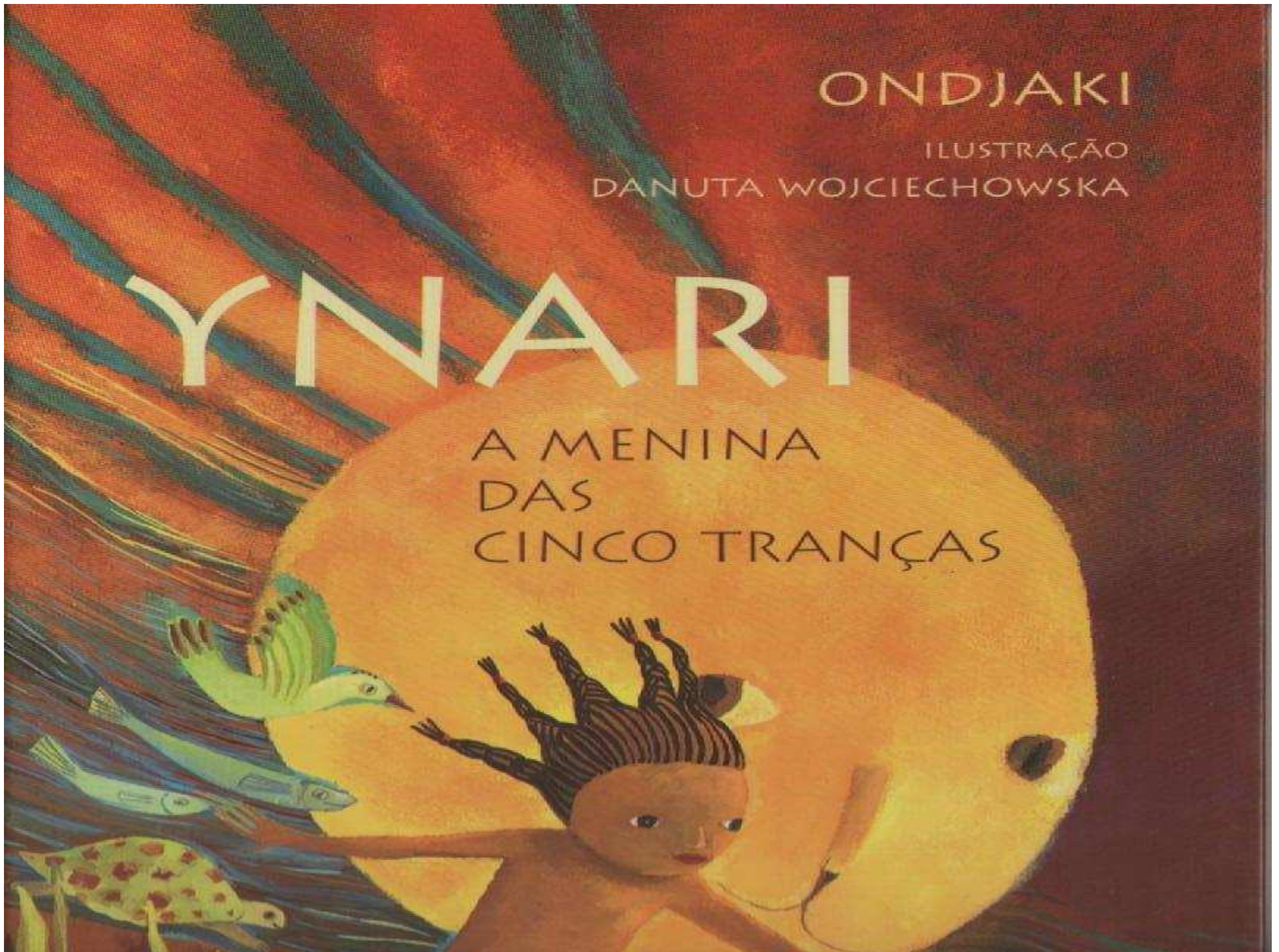


ONDJAKI

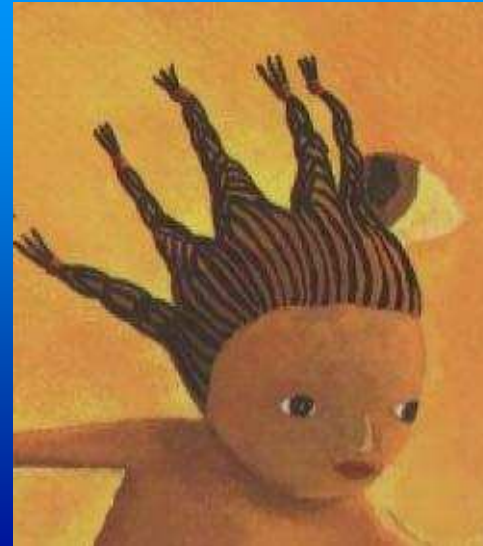
ILUSTRAÇÃO
DANUTA WOJCIECHOWSKA

YNNARI

A MENINA
DAS
CINCO TRANÇAS



Era uma vez uma menina chamada Ynari que gostava de passear perto da sua aldeia, ouvir os passarinhos, sentar-se na margem do rio.



Certa tarde, do capim saiu um homem muito pequenino.

- Olá!
- Olá! Chamo-me Ynari.
- Ynari é um nome muito bonito...





-Lá na tua aldeia são todos pequeninos?

-Sim, mas depende do que se entende por “pequeno”. Conheces a palavra coração?

-Claro!

-O coração é pequeno para ti?

-É...e não é! Cabe lá dentro o amor, os nossos amigos, a nossa família...

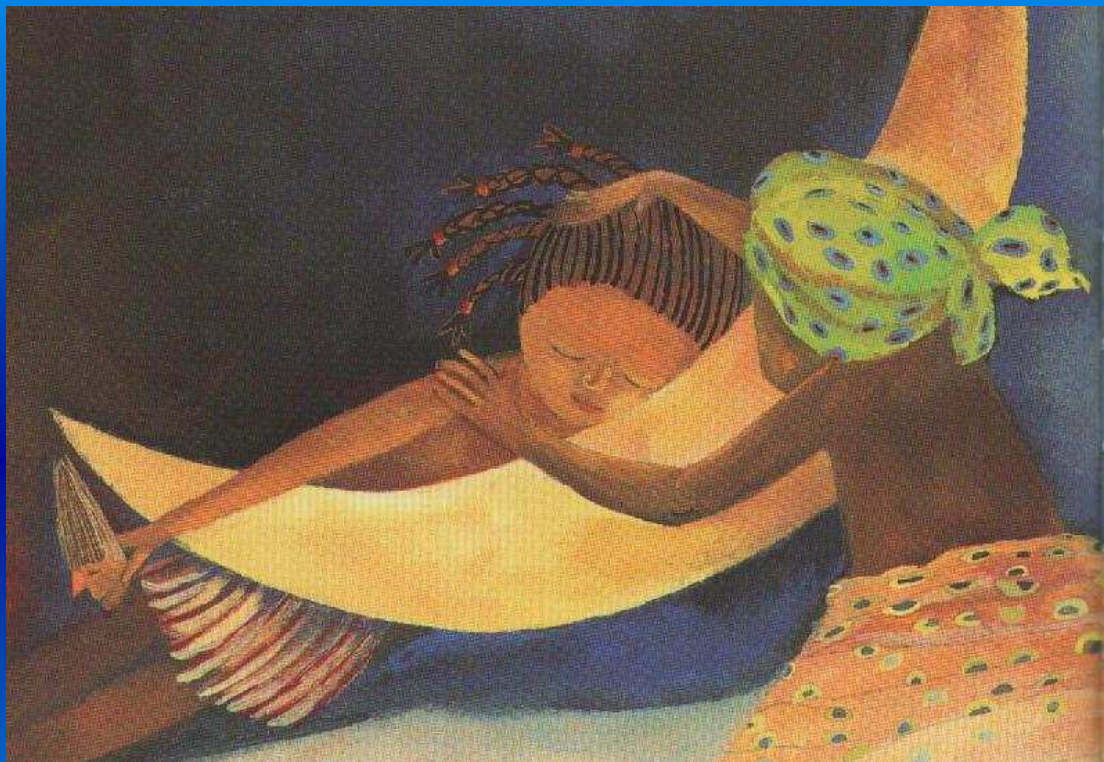
-Vês? Às vezes uma coisa pequenina pode ser tão grande...

Ynari voltou a correr para a sua aldeia e guardou o seu segredo.

O povo estava à volta da fogueira contente com a caçada.

Ela não queria ver os oncos mortos, embora a sua avó lhe tivesse explicado que os homens da sua aldeia só caçavam para comer.





A avó deitou-se
ao pé dela.

-Estás triste por
causa dos
olongos?

- Hoje o meu
coração não ficou
triste. Hoje...

- Hoje o quê?

- Nada, avó...
Não te posso
contar ainda. Mas
hoje foi um dia
muito especial
para mim.

E a menina das
cinco tranças deu
um beijinho à avó
e adormeceu.



Deram as mãos e caminharam para norte, sempre ao longo do rio. Até que pararam junto de duas enormes árvores . Ynari usou as palavras “*portão de árvore*”.

-Este é o “portão de árvore” onde começa a minha aldeia!

- Ah! Estou tão curiosa! Tantas árvores... são as “*casas pequenas dos homens pequenos*”.

Muitos homens e mulheres espreitavam a menina que passava de mãos dadas com o homem pequeno e mágico.

- És tu o soba da aldeia?

- Não! Nesta aldeia não temos soba. Mas quero apresentar-te duas pessoas muito especiais.

Era um velho muito velho com umas barbas enormes. Caminhava apoiado num pau.

- Ynari: este é o velho muito velho que inventa as palavras...

- Ynari: esta é a velha muito velha que destrói as palavras...

- Tu és um mágico! Encantas as armas!

- Todos somos mágicos, Ynari. Vais aprender que todos somos mágicos.

Aquelas armas já não disparam. Podemos usar a palavra *“inútil”*.

- Ah! Todos somos mesmo mágicos?

- Sim, todos. Mas cada um tem de descobrir a sua magia.

- Eu queria descobrir a minha...

- Já não falta muito, Ynari.

Era a hora da festa: batuques pequeninhos começaram a tocar, outros dançavam, e muitos riam alegremente. Comeram, e Ynari teve de comer também. Depois a música parou.

Todos se afastaram para deixarem passar a velha e o velho muito velhos...



A velha muito velha falou assim:

- Cada pessoa sua magia; cada árvore sua raiz. O peixe só sabe nadar na água. O humbi-humbi preso, nas gaiolas, morre. Coisa de metal que vira semente e mata, destruimos. De noite, olhar e respirar as estrelas. De dia, olhar e imitar os animais. Primeiro somos crianças, depois somos caçadores, depois temos crianças, depois ficamos a olhar as crianças. O cágado, sempre lento, é quem chega primeiro. Mais sabedoria tem a palanca negra gigante que só olha os homens de longe.

De seguida o velho muito velho falou assim:

- Cada rio suas águas; cada céu suas nuvens. O peixe dentro de água brinca, fora da água sofre. O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita nuvem. Coisa de metal que sai fumo, vira barro. De noite, as estrelas olhar e uma só escolher. De dia, os animais caçar, seja, o alimento. Primeiro somos crianças e coração bate. Depois somos caçados por nosso coração. Depois descobrimos criança no coração. Depois a criança nos ensina outros caminhos do coração. O cágado também sabe perder. A palanca negra gigante também sabe fugir.





Então os velhos
deitaram ervas na cabaça
e falaram a Ynari:

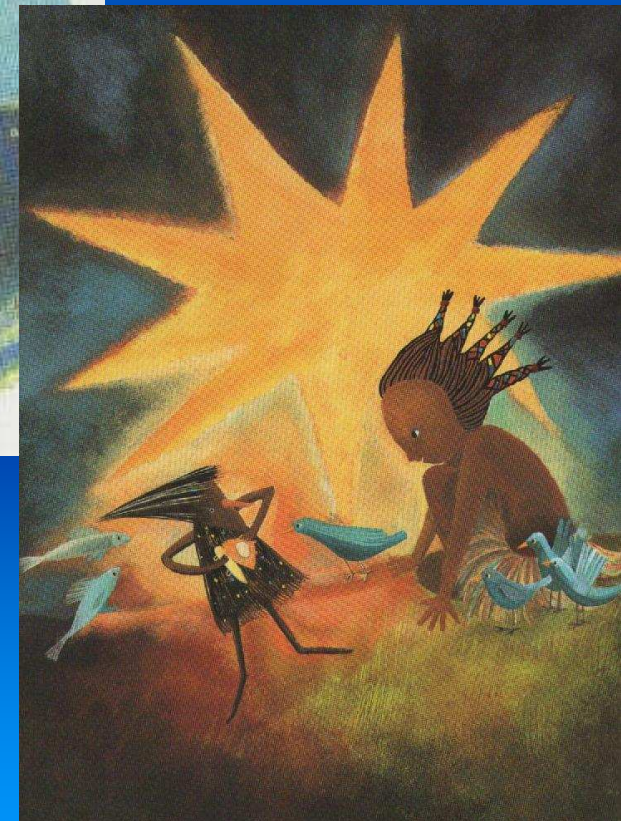
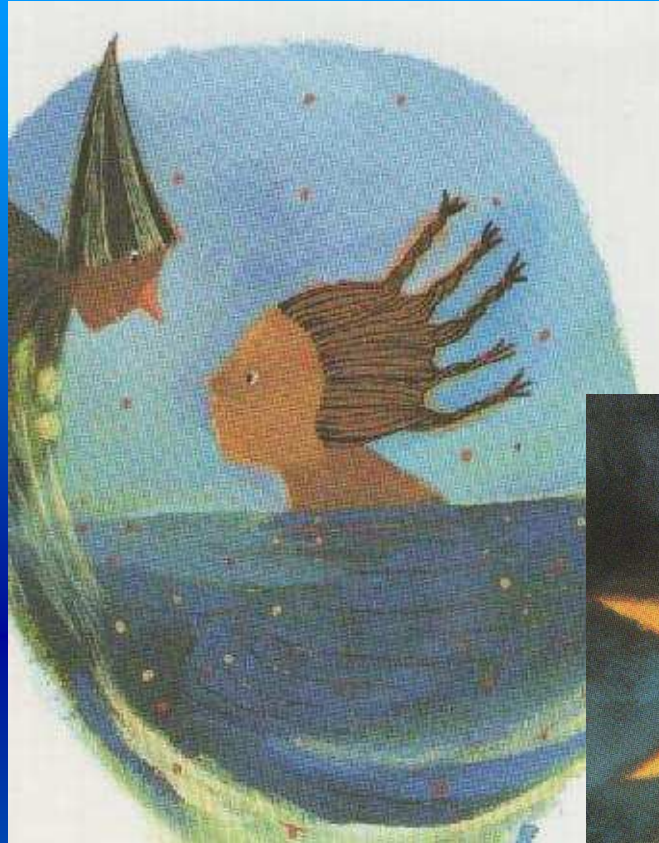
- Não temos uma magia
para te dar, tens de ser tu
a descobrir a tua própria
magia. Hoje queremos
oferecer-te uma palavra e
dar-te uma fórmula. Leva
contigo a palavra
“permuta” e a fórmula,
descobre-a dentro do teu
coração.

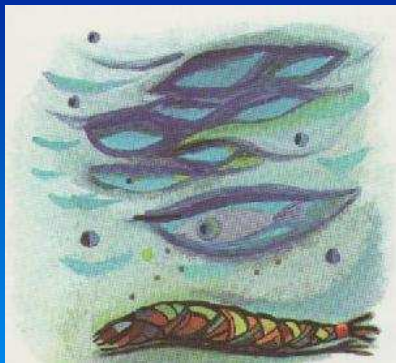
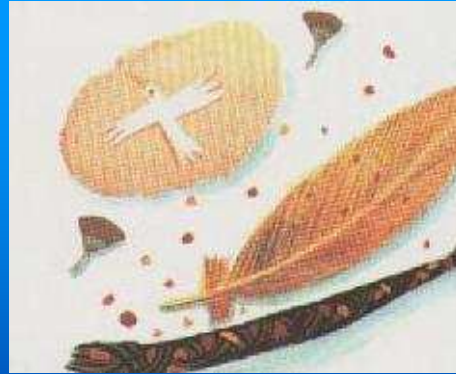
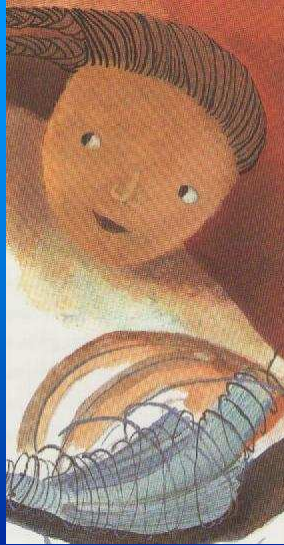
Nessa noite Ynari
sonhou com um velho
que explicava o
significado das palavras
que lhe explicou o que
queria dizer a palavra
“permuta”.

Na manhã seguinte Ynari contou o seu sonho ao homem pequenino e depois de um longo silêncio disse-lhe:

- Eu acho que descobri a minha magia... podes vir comigo às cinco aldeias? Quero que vejas o que eu vou fazer e que depois dêes um recado meu à velha muito velha que destrói palavras.

- Está bem – disse o homem pequenino.





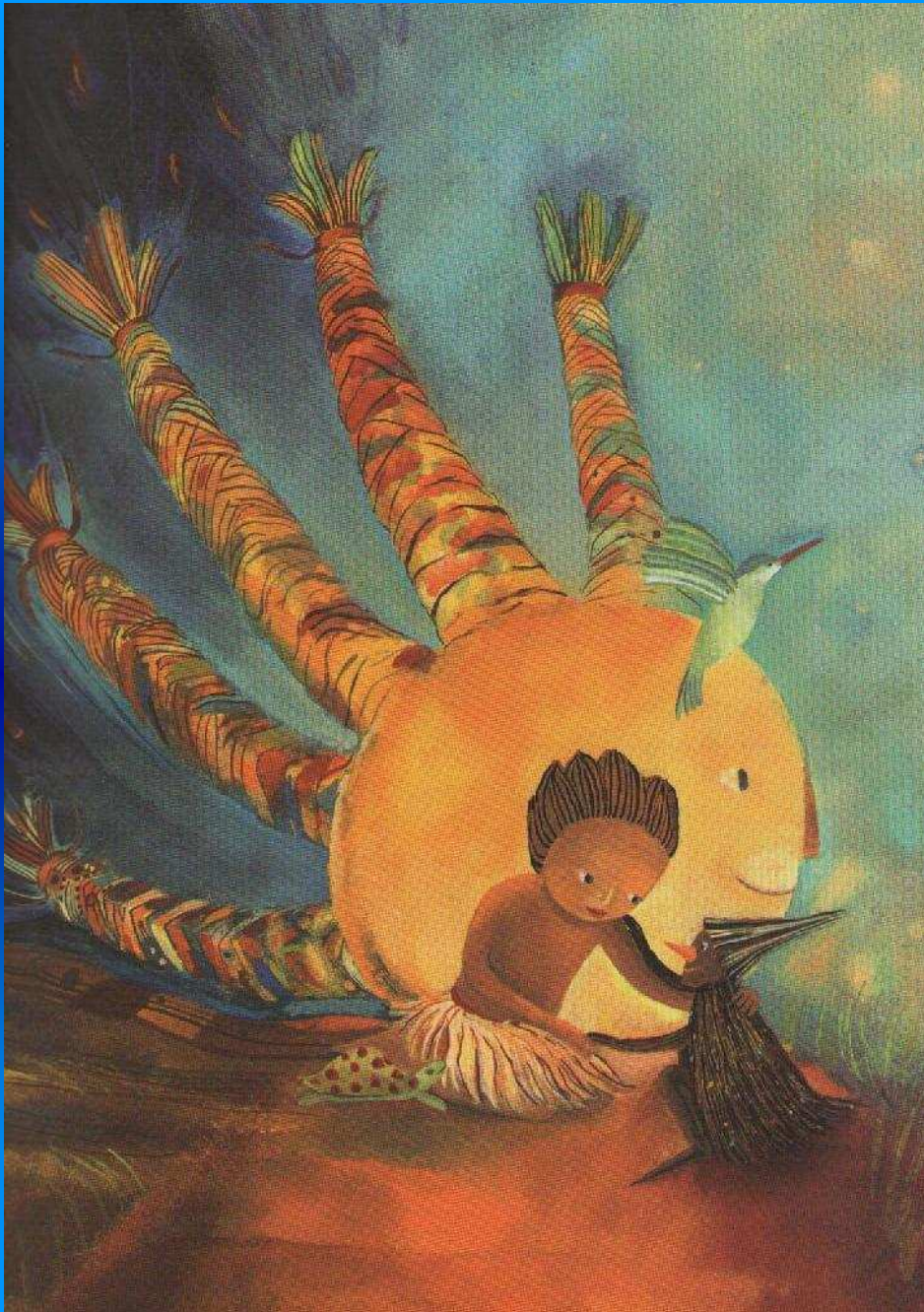
Ynari passou por todas as cinco aldeias, que andavam em guerra pois numa não conseguiam ouvir, noutra não falavam, na terceira não viam, na quarta não cheiravam e na última não sentiam o sabor, curando todas com uma magia em que ela cortava uma trança e em troca as pessoas dessas aldeias ficavam curadas – uma permuta, acabando, assim, com a guerra.

Ynari e o homem
pequenino voltaram a
sentar-se no mesmo
sítio de sempre.

- Quando chegares à
tua aldeia, vai falar
com a velha muito
velha e diz-lhe para
destruir a palavra
“guerra”.

- Está bem, vou dar o
recado – prometeu o
homem muito
pequenino





- Olha, tenho de ir –
sorriu a menina sem
tranças – está na hora de
usarmos a palavra
“despedida”.

- Também acho –
concordou o homem
pequeno.

- Desde a primeira vez
que te vi senti uma coisa
no meu coração, tão
grande... Deí-lhe o nome
de “amizade”

- Também senti o
mesmo...

- Quando nos voltamos a ver? Tu vives tão longe. – perguntou Ynari.

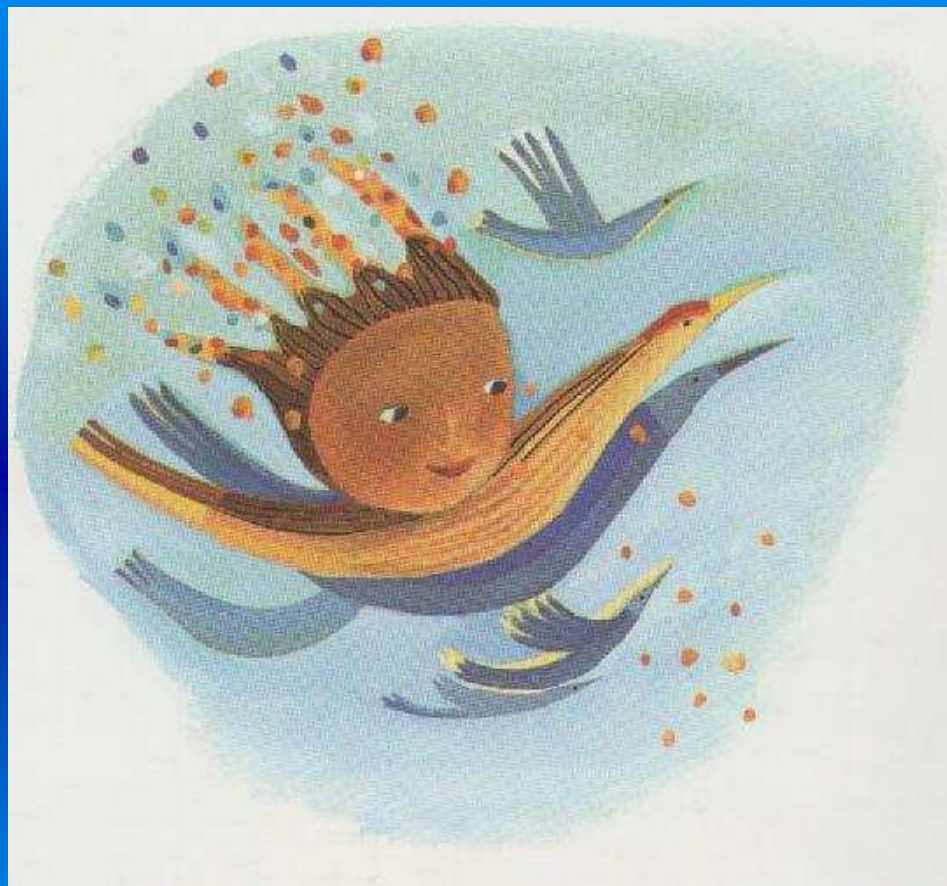
- Sempre que quiseres... apanha uma boleia do humbi-humbi – sugeriu o homem pequenino.

- Mas eu sou pesada...

- Não para o coração dele.

- Então até qualquer dia...

Agora sei viajar no coração de um humbi-humbi.



*E como dizem os mais-velhos,
foi assim que aconteceu.*

Trabalho de adaptação da história :” *Ynari, a Menina das Cinco Tranças*”, realizado pela professora Maria Amélia Maia Henriques, no âmbito da actividade “Encontros da Lusofonia”.